

REFERENCIAL TEÓRICO PARA ANÁLISE DE CARTILHAS DE ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS

Marlene Casarin Danesi
Raul José M. Machado
SEC — RS

FATORES INTERVENIENTES NO PROCESSO DE ANÁLISE

A análise de cartilhas é tarefa altamente complexa, pois além de exigir por parte de quem analisa:

- a) conhecimentos específicos de ordem psicológica, pedagógica e lingüística;
- b) experiência em alfabetização; supõe ainda:
- c) conhecimentos sobre o aluno (base biopsicossocial) que vai utilizá-la;
- d) conhecimento sobre a comunidade (base sociológica e antropológica) em que ele vive;
- e) conhecimento sobre o alfabetizador que vai utilizar tal cartilha.

Havendo ignorância dos itens (c, d, e.), o parecer se ressentirá de aspectos relevantes numa análise em profundidade. Além disso, sendo a cartilha apenas um dos inúmeros fatores considerados no processo de alfabetização, apontar méritos ou falhas na sua elaboração não significa validar ou invalidar o trabalho do professor alfabetizador.

Sabe-se que:

- a) um professor capacitado consegue realizar um bom trabalho, mesmo utilizando uma cartilha cheia de falhas;

- b) um professor despreparado não consegue usar com êxito uma cartilha bem elaborada.

Partindo-se, pois, do pressuposto de que:

mais importante que a cartilha é o seu uso técnico

e na tentativa de auxiliar os colegas na complexa tarefa de alfabetizar, apresentamos a seguir, princípios orientadores para a elaboração.

PRINCÍPIOS ORIENTADORES PARA A ELABORAÇÃO DE CARTILHA DE ALFABETIZAÇÃO

Inicialmente, gostaríamos de lembrar que há dois conceitos de alfabetização:

a) em sentido amplo, alfabetização é o processo gradual e contínuo de percepção e criação de significados, envolvendo toda a experiência individual, o conhecimento do meio ambiente (natural e social) e dos processos de codificação e decodificação dos símbolos (e signos) mais usados numa dada cultura (palavras e sinais gráficos, numerais, códigos e sinais).

b) em sentido restrito, alfabetização é processo de ler e escrever no código de uma dada língua.

Isto posto, passamos a nos reportar aos princípios para elaborar cartilha, considerando o conceito de alfabetização, em sentido restrito, sem, no entanto, deixar de garantir-lhe validade num contexto um pouco mais amplo (de ordem ambiental, idiomática), considerando, ainda, princípios da psicologia psicogenética.

1) Supor pesquisa sociolinguística prévia para:

- estabelecimento das palavras-chaves ou geradoras, advindas do universo do discurso (=idioma) a que se destina (O idioma é o uso grupal da língua numa dada comunidade bem delimitada geográfica, social e culturalmente);
- descrição das características idiomáticas (se há ou não interferência de uma segunda língua, p. ex.: neste caso, os elaboradores devem conhecer resultado de pesquisas de bilingüismo no processo de alfabetização — fato bastante comum no nosso Estado).

2) Ser elaborada cooperativamente por alfabetizadores e técnicos (em sociolinguística, psicomotricidade e metodologia da pesquisa).

3) Ser testada junto a grupo significativo de alunos do universo para o qual foi planejada.

4) Possuir um centro de interesse ou tema(s) e apresentar seqüência lógica.

5) Apresentar uma forma gráfica que corresponda às necessidades das crianças, isto é:

- espaços livres, possibilitando ilustrações pelos próprios alunos;
- textos (frases) bem distribuídos, respeitando distâncias, evitando excessiva proximidade, com a finalidade de facilitar a percepção;
- ordens claras, evitando interpretações dúbias.

6) Introduzir gradativamente os elementos significativos:

- primeiramente enfatizando palavras nucleares (nomes de pessoas, coisas, animais, atributos e ações): substantivos, adjetivos e verbos;
- os padrões silábicos, de forma gradual com base na relação fonema/letra;
- enfatizar, primeiramente, palavras paroxítonas e oxítonas (mais comuns na língua);
- as convenções mais usadas (letras maiúsculas e minúsculas, p. ex.).

Obs. — A ordem de aparição vai depender do equilíbrio entre:

utilidade
dificuldade
naturalidade

Assim, todos os símbolos, sinais e convenções gráficas vão sendo introduzidos no momento oportuno.

7) Respeitar critérios de dificuldade, produtividade, naturalidade na escolha das frases, palavras e grafemas.

a) Dificuldade não provém da complexidade de um símbolo isolado, e sim da **confusão** provocada por três fatores:

- introdução na mesma oportunidade, no início do processo, de elementos com diferenças mínimas (p. ex. Dudu, Dadá), pois a criança percebe melhor grandes diferenças;
- limitação a um só tipo de palavras, p. ex.: palavras com o mesmo número de sílabas e acento na mesma sílaba;
- introdução de muitos elementos novos ao mesmo tempo.

b) **Produtividade** — Existem palavras geradoras que possuem letras e sílabas mais produtivas. Por exemplo: "C" (casa, cola, cala, boca) é mais produtivo que o "q" (quem, qual), porque "C" forma palavras mais significativas do que o "q" (considerando o universo do discurso de uma criança). Cada "lição" deve, em princípio, envolver **duas** palavras geradoras (um nome e um verbo ou dois nomes — subst. e/ou adj.), p. ex.: "boneca" e "fala" (gerando: bola boné, boca, caneca, faca, cala, cabo,).

c) **Naturalidade** — As palavras escolhidas devem estar inseridas em frases significativas dentro do contexto de relações em que vive a criança. Além disto, uma palavra para ser aprendida facilmente deve ser social, cultural e psicologicamente significativa para a criança, isto é, fazer parte de seu **ídioteleto** (uso pessoal) e do idioma da comunidade em que vive.

Do **ídioteleto** para o idioma e do idioma para a língua.

8) Aumentar gradativamente a dificuldade na relação fonema/letra (sistema fonológico/sistema alfabético).

9) Apresentar exercícios e jogos de palavras (dominó) que favoreçam a aprendizagem, respeitando a **competência linguística** da criança.

Por exemplo: Cerque a parte que se repete nas palavras de cada coluna (ordem esta que o professor deve "traduzir" para o idioma da criança).



Agora, forme outras palavras com as partes que você cerrou.

Observe, nesse tipo de exercício, a criança:

- participa ativamente;
- reconhece semelhanças e diferenças, relacionando e comparando;
- percebe, aos poucos, um dos traços característicos da língua: o princípio da economia linguística;
- dá-se conta de que nem todas as combinações formam palavras existentes no léxico da língua.
(Caso a criança forme "palavra" desse tipo — p. ex.: maco — o professor deve solicitar que explique o significado).

PRINCÍPIOS ORIENTADORES PARA O PERÍODO PREPARATÓRIO À ALFABETIZAÇÃO

Algumas cartilhas apresentam atividades e exercícios para um espaço de tempo anterior à alfabetização, em sentido restrito.

Neste caso, convém que os elaboradores levem em consideração e, se possível, informem:

- 1) que a criança, antes de entrar para a 1.ª série, já vem desenvolvendo os conceitos de LER e ESCREVER;
 - 2) que algumas crianças chegam à escola já bem adiantadas (ou não) nesse processo que apresenta inúmeras fases já bem caracterizadas em obras de pesquisadores como Emilia Ferreiro;
- por isso, convém que o professor proporcione situações em que a criança vá manipular números e variados livros de literatura infantil adequados à faixa etária; leia para eles pequenas histórias; vá explicando para que servem os livros, as gravuras, as letras; demonstre o sentido da decodificação em nossa língua; aceite como "escrita" o que é como a criança "escreve".

Paralelamente, a esse procedimento, o professor deve proporcionar situações concretas e globais para que a criança tenha a oportunidade de

- a) Conhecer seu próprio corpo, experimentando-o como um todo e nele reconhecendo as partes.
- b) Perceber que estas partes executam movimentos específicos.
- c) Controlar e coordenar esses movimentos.
- d) Desenvolver o campo perceptivo, com ações e objetos concretos.
- e) Perceber as condições de espaço/tempo que o meio lhe oferece para a elas adaptar-se.
- f) Realizar exercícios de semelhanças/diferenças: maior/menor; vizinhança; em cima/ em baixo; fora/dentro; longe/perto; primeiramente com o próprio corpo, depois com objetos concretos.

Obs. — Os exercícios de recorte e de montagem também seguem esta ordem:

- 1.º) na ação corporal da criança;
- 2.º) na manipulação de objetos concretos;
- 3.º) utilizando o quadro-negro;
- 4.º) sobre a folha de papel.

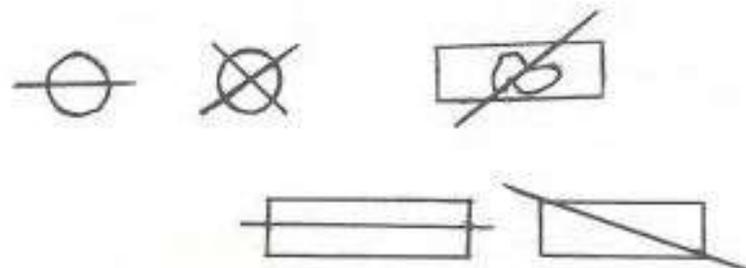
Exemplos:

1.º) O professor desenha no chão um círculo e marca no meio uma linha, pedindo à criança que deite em cima dela.

2.º) O professor desenha um círculo com uma linha cortando-o, numa cartolina, pedindo à criança que recorte e faça a montagem.

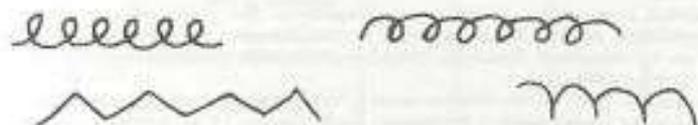
3.º) Faz o mesmo no quadro-negro. Finalmente numa folha de papel.

Sucessivamente, faz o mesmo com outras figuras:



A última etapa são os quebra-cabeças.

Em relação aos exercícios de preparação para a escrita:



— seguir a mesma seqüência:

1.º) movimento com o corpo, em linhas traçadas no chão (sempre da esquerda para a direita);

2.º) com o dedo, no ar;

3.º) no quadro, com o dedo, o giz;

4.º) no papel, com pincel;

5.º) com lápis.

O Currículo por atividades, no qual se insere o processo de alfabetização, baseia-se em três princípios:

AÇÃO — CONCREÇÃO — GLOBALIZAÇÃO

Em relação à introdução das vogais e ditongos significativos:

1.º) exploração oral dos sons;

2.º) escrita das vogais em cartazes;

3.º) deslocamento das crianças com cartazes, formando ditongos significativos;

4.º) escrita no quadro e, finalmente, na folha de papel.

O mesmo para as consoantes, respeitando os critérios de dificuldade, produtividade e naturalidade.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- BARROS, Helena Maria de. Fatores que interferem na eficiência da alfabetização. Santa Maria: UFSM, 1979.
- BISOL, Leda et alii. Interferência de uma segunda língua na aprendizagem da escrita. MORRAL, PUCRS, 1975.
- CARVALHO, Castelar de. Para Compreender Samsara. Rio de Janeiro, Ed. Rio, 1990.
- DUBOIS, Jean et alii. Dicionário de Linguística. São Paulo, Cultrix, 1975.
- FERRIHO, Emilia. Desenvolvimento e Alfabetização. (Conferência pronunciada no 1.º Congresso Brasileiro Piagetiano: Educação pela Inteligência) Rio de Janeiro, 1981.
- MACHADO, Raul. Bases Teóricas para o Estabelecimento de Metodologia para a Área de Comunicação e Expressão. Porto Alegre, 1.º de subúdio.
- MONTERRAT, Ruth et alii. Língua, Cultura e Desenvolvimento. Rio de Janeiro, Ed. Brasilia, 1974.
- POPOVIC, Ana Maria. Alfabetização: Um Problema Interdisciplinar. São Paulo, Fund. Carlos Chagas, 1971.
- VAYEL, Pierre. El Dialogo Corporal. Editorial Científico-médica, 1977. Rio de Janeiro, Secretaria do Estado, Laboratório de Currículo, Manual de Alfabetização, 1981.

FICHA-REGISTRO DE ANÁLISE DE CARTILHAS

I. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Título da Cartilha:

Autor(es):

Editor ou entidade responsável:

População — alvo:

II. PERGUNTAS A SEREM FEITAS NA ANÁLISE DA CARTILHA	(1)	B I M		N I O
	Sempre	Muitas vezes	Algumas vezes	Nunca
A. ESTRUTURA EXTERNA (GRÁFICA)				
1. O texto está bem distribuído?				
2. Existem espaços para ilustração pelo usuário?				
3. Os desenhos são sugestivos e adequados ao texto?				
4. Número de linhas no texto (médio 5, máximo 10)				
5. Letras e desenhos de tamanho adequado?				
6. Bom espaçamento nas entrelinhas?				
7. Marginação adequada?				
B. ESTRUTURA INTERNA (aspectos técnico-pedagógico)				
1. Harmonia entre método e processo empregado?				
2. Obediência a princípios de psicologia infantil?				
3. Centro de Interesses adequados à população-alvo?				
4. Logicidade na seqüência?				
5. Instruções metodológicas orientadas ao professor?				
6. Vocabulário extraído da população-alvo?				

P E R G U N T A S	S I M N Ã O			
	(1) Sempre	(2) Muitas vezes	(3) Algumas vezes	(4) Nunca
7. Sentenças curtas na ordem direta (sujeito claro)				
8. Os elementos significativos foram todos introduzidos e gradualmente?				
9. As sílabas e letras das palavras geradoras escolhidas propiciam a formação de novas palavras significativas?				
10. As letras apresentadas no início da cartilha apresentam um grau mínimo de dificuldades?				
11. Existem diferenças no perfil das palavras apresentadas nas primeiras lições?				
12. As palavras geradoras estão dentro de um contexto natural?				
13. Os exercícios de fixação são variados e despertam o interesse?				
14. Os exercícios de separação de sílabas respeitam a competência lingüística?				
15. As ordens, para a execução dos exercícios, são claras evitando interpretações dúbias?				
III. PERGUNTAS A SEREM FEITAS QUANDO A CARTILHA APRESENTA EXERCÍCIOS PREPARATÓRIOS				
A. ESQUEMA CORPORAL				
1. Existem exercícios que oportunizam em situações concretas e globais, o conhecimento e o controle do próprio corpo?				
B. ORGANIZAÇÃO PERCEPTIVA				
1. Os exercícios propostos oferecem oportunidade para o desenvolvimento perceptivo, com atividades e exploração de objetos concretos?				
2. Os exercícios de percepção sugerem jogos explorando a discriminação auditiva?				
3. As noções de volume, altura e forma são desenvolvidas nos exercícios propostos?				

P E R G U N T A S	S I M N Ã O			
	(1) Sempre	(2) Muitas vezes	(3) Algumas vezes	(4) Nunca
♦ ORGANIZAÇÃO ESPAÇO/TEMPO				
♦ São Propostos exercícios de deslocamento em linhas abertas e fechadas?				
♦ As noções de partida, chegada e de intervalo são desenvolvidas nos exercícios?				
♦ As noções de perto/longe; no frente/atrás; dentro/fora em cima/em baixo são desenvolvidas a partir do próprio corpo?				
♦ SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS				
♦ Os exercícios relativos a diferenças e semelhanças partem de diferenças maiores para diferenças menores?				
♦ A ordem dos exercícios propostos parte do concreto para o abstrato? (próprio corpo, objetos, gravuras, sinais gráficos)				
♦ ANÁLISE E SÍNTESE				
♦ Os exercícios de recorte e montagem seguem também a mesma ordem?				
♦ SEQUÊNCIA LÓGICA				
♦ Os exercícios de seqüência lógica partem da ação para a abstração?				
♦ ATIVIDADE GRÁFICA				
♦ Os exercícios específicos, para a preparação da escrita, obedecem à mesma seqüência?				
- ação corporal				
- MOVIMENTOS com a mão e dedo, no ar				
- movimentos no quadro, com o dedo, o giz				
- no papel, com pincel				
- no papel com lápis				